

A crítica social vestida de ironia

AFFONSO NUNES

Machado de Assis, o escritor que revolucionou a narrativa brasileira no século XIX e permanece absolutamente vivo nas questões que coloca sobre poder, raça, desejo e hipocrisia social, ganha uma celebração à altura de sua importância neste domingo (21). O Festival Machado de Assis, apresentado pela Prefeitura do Rio por meio da Secretaria Municipal de Cultura, ocupa os pilotis do Museu de Arte do Rio (MAR), na região da Pequena África, com 12 horas de programação gratuita que transforma a literatura em experiência coletiva.

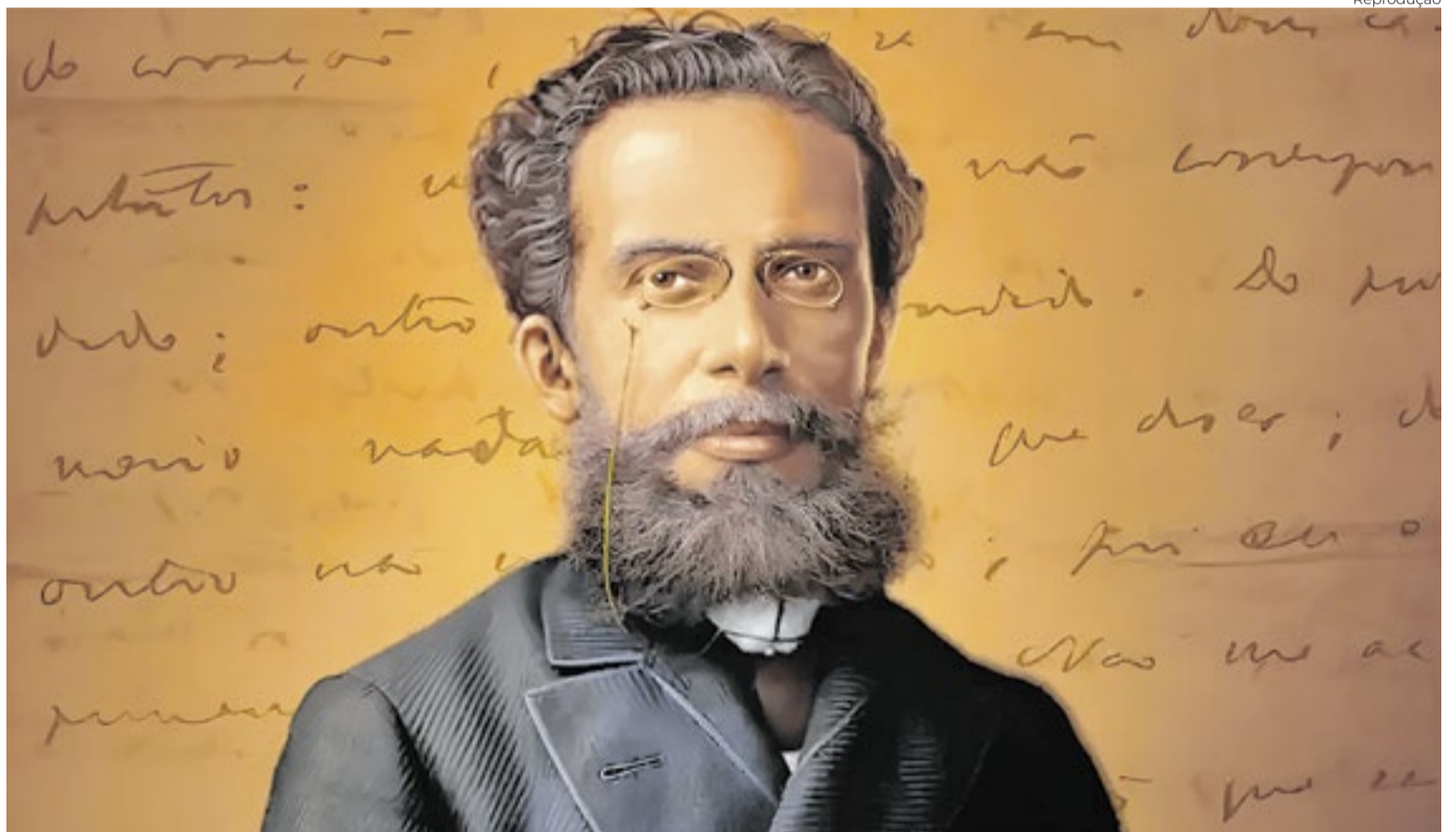
Idealizado pela escritora e acadêmica Ana Maria Gonçalves — primeira mulher negra eleita para a Academia Brasileira de Letras, a casa criada pelo próprio Machado — o festival reúne caminhadas literárias pelo Centro Histórico, mesas de debate com especialistas, leituras em microfone aberto, intervenções artísticas e um espetáculo cênico-musical que promete encerrar a noite em celebração coletiva com baile charme.

A relação de Machado com o Rio é orgânica. O autor viveu e trabalhou na cidade e sua obra está intimamente ligada à história cultural carioca. Nascido em 21 de junho de 1839, o escritor testemunhou transformações profundas na política, economia e sociedade brasileira ao longo de sua vida — da escravidão à abolição, da monarquia à república — refletindo tudo isso em narrativas que combinavam ironia aguçada, análise social implacável e uma sofisticação literária que o colocou entre os maiores nomes da literatura em língua portuguesa.

Sua contribuição para as letras brasileiras é incontestável: foi o introdutor do Realismo no Brasil com “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), obra que rompeu com o romantismo idealizado e apresentou um narrador morto que conta sua própria história com cinismo e lucidez. Publicou mais de 200 contos, dez romances, poesias e peças de teatro. Mas além de escritor prolífico, Machado foi intelectual engajado que, em 1897, reuniu-se com colegas para fundar a Academia Brasileira de Letras, instituição que presidiu até sua morte, em 1908, e que deu à língua portuguesa um espaço institucional de prestígio.

O que torna Machado particularmente relevante hoje é jus-

Em sua obra, Machado de Assis antecipou técnicas narrativas que só ganhariam força no século XX



Machado de Assis



Natasha Felix

tamente o que o torna desafiador. Seus personagens — Capitu, Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro — não são heróis ou vilões, mas seres contraditórios, movidos por ambição, desejo, vaidade e medo. Capitu, seu personagem mais debatido, permanece enigmática após mais de um século: traiu ou não traiu Bentinho? Machado recusou a certeza moral. Escreveu sobre a subjetividade humana antecipando técnicas narrativas que só ganhariam força no século seguinte.

Sua ironia e capacidade de mascarar crítica social em conversa de salão denunciava hipocrisias coletivas. Quando Brás Cubas, já morto, olha para trás e vê sua vida como uma sequência de pequenas traições e compromissos, está fa-



Muato

lando sobre a própria estrutura da sociedade brasileira, sobre como nos tornamos cúmplices do sistema que nos oprime. E quando Machado escreve sobre personagens negros — como em “Quincas Borba” ou em contos como “O Alienista” — faz isso de forma velada, irônica, mas devastadora, refletindo sua própria experiência como homem negro em uma sociedade escravocrata e profundamente racista.

Preservar e reafirmar a obra de Machado é necessária. Vivemos em tempos em que a leitura literária compete com múltiplas formas de entretenimento digital, em que o acesso à cultura clássica se concentra em espaços elitizados e as gerações mais jovens crescem sem contato com textos que po-

Reprodução